

**A SALA TEMÁTICA SOBRE *CANNABIS*: EXPLORANDO A CRIATIVIDADE
DOS ALUNOS PARA ESCLARECER E PREVENIR O USO ABUSIVO DE
DROGAS FRENTE A UM MUNDO ESTIGMATIZADO**

**THE THEMATIC ROOM ABOUT CANNABIS: EXPLORING THE
CREATIVITY OF STUDENTS TO CLARIFY AND PREVENT ABUSIVE USE
OF DRUGS AGAINST A STIGMATIZED WORLD**

**Francisco José Figueiredo Coelho¹, Priscilla Tamiasso-Martinhon²,
Angela Sanches Rocha³, Célia Sousa⁴**

¹ Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte
(GIEESAA)/Instituto de Química/UFRJ, educacaosobredrogas@gmail.com

² GIEESAA/Instituto de Química/UFRJ, pris-martinhon@hotmail.com

³ GIEESAA/Instituto de Química/UFRJ, angela.sanches.rocha@gmail.com

⁴ GIEESAA/Instituto de Química/UFRJ, sousa@iq.ufrj.br

RESUMO: A *Cannabis* ou maconha tem sido um produto de fácil circulação dentro e fora das escolas. Acreditando na potencialidade da unidade de ensino como promotora de saúde, alunos da turma 903, de uma escola estadual em São Gonçalo (Rio de Janeiro), construíram uma sala temática expositiva sobre a *Cannabis*. Essa estratégia ofereceu aos professores e demais visitantes uma visão mais aberta, crítica e participativa em torno do uso e abuso da maconha, enriquecida de informações sobre a origem, formas de consumo, consequências a curto e longo prazo, legalidade e usos terapêuticos. Associado a um projeto de extensão, a observação direta das reuniões semanais com os alunos líderes e a culminância do projeto nos revelou um ligeiro desenvolvimento da autoestima e da responsabilidade social dos jovens além de estimular a gentileza dos alunos para recepcionar os visitantes por meio de um trabalho colaborativo de orientação entre professor e alunos.

Palavras-chave: *Cannabis*, Educação sobre drogas, Projetos educativos sobre drogas.

ABSTRACT: *Cannabis* or *marijuana* has been a product of easy movement in and out of schools. Believing in the potential of the teaching unit as a health promoter, it was built by students from class 903, from a state school in São Gonçalo (Rio de Janeiro), a thematic room on *Cannabis*. This strategy aimed at providing teachers and other visitors with a more open, critical and participatory view on marijuana use and abuse, enriched with information on the origin, forms of consumption, short- and long-term consequences, legality and therapeutic uses. The direct observation of the weekly meetings with the leading students and the culmination of the project revealed a slight development of the self-esteem, the social responsibility of the young people and stimulated the kindness of the students to welcome the visitors through a collaborative work of orientation between teacher and students.

Key words: *Cannabis*, Drug education, Educational projects on drugs.

1. INTRODUÇÃO

Não é incomum que alguns adolescentes já tenham experimentado ou convivam com pessoas que se apropriem de forma recreativa ou abusiva das drogas, sobretudo a maconha. Por vezes, o uso da planta é feito por familiares dentro de suas casas (BRASIL, 2016; COELHO; MARTINHON-TAMIASSO; SOUZA, 2017).

Por ser uma substância psicoativa, a *Cannabis* atrai alguns jovens devido ao seu potencial de proporcionar sensações de relaxamento e vontade de rir após o consumo, além de estimular um apetite intenso. Essas reações - agradáveis para os jovens - se tornam estímulos recreativos causados pela ação do tetraidrocanabinol (THC), um dos principais princípios ativos da planta. No Brasil, a prática do uso da maconha a partir de cigarros, conhecidos por baseados, é comum, mesmo sendo uma substância ilícita (BRASIL, 2016). Isso corrobora com apropriações ilícitas no mercado clandestino, colocando os consumidores em situação de risco (CARNEIRO, 2002; ACSELRAD, 2015;2005).

Diante desse contexto, demonizar a droga ou prezar por práticas de interdição marcadas por violência e imposição não parecem funcionar com sucesso entre os adolescentes. Isso já foi questionado por diferentes autores (ASCELRAD, 2015, 2005; SODELLI, 2011; COELHO; TAMIASSO-MARTINHON; SOUSA, 2017) e a questão é colocada inclusive nos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998). Nessa dimensão, aproximando-se dos pensamentos de Sodelli (2011), pensamos que não deve ser a *Cannabis* (droga) o foco principal das discussões entre os jovens, mas sim o sujeito que se apropria dela. O ser humano é quem deve ganhar papel central nesta discussão, enquanto criatura complexa e que precisa ser entendida a partir de suas questões biopsicossociais. Nessa ótica, não é sugestivo que o enfoque educativo das escolas seja marcada pela repressão ou pelo abolicionismo das drogas, o que seria utópico no contexto do mundo moderno. Nossa visão educativa está centrada no exercício do diálogo com os jovens, reconhecendo suas experiências pessoais e os fatores socioculturais, econômicos e políticos na análise do consumo das drogas. Essa premissa estimula o debate sobre o papel social dos membros de uma sociedade na

definição de regras, acordos e leis acerca de assuntos diversos. Em outras palavras, defendemos uma abordagem educativa centrada na redução ou minimização dos danos à saúde dos jovens (SODELLI, 2011; ACSELRAD, 2015; ADADE, MONTEIRO, 2014).

Tendo em vista tais fundamentos, este relato descreve uma experiência educativa desenvolvida com a turma 903 – ensino fundamental II, de um colégio estadual localizado no município de São Gonçalo, RJ. Na busca de atrair os funcionários e demais colegas da escola, a turma em questão decidiu construir um espaço temático na mesma sala onde estudam diariamente. Nessa ocasião, foram abordados variados aspectos sobre o consumo, efeitos do uso e aspectos legais acerca da *Cannabis*, caracterizando seu teor ilícito e oferecendo aos visitantes do cômodo esclarecimentos e questões sociais para refletirem. Orientados pelo docente responsável, primeiro autor desse trabalho, e por uma equipe transdisciplinar de agentes multiplicadores, os estudantes do nono ano foram sensibilizados para não realizar apologias ao uso das substâncias, mas oferecerem olhares ausentes de mitos e preconceitos.

2. DA ORIGEM À PREPARAÇÃO DA SALA TEMÁTICA SOBRE *CANNABIS*

A proposta da sala temática foi desenhada em setembro de 2017, após uma reunião pedagógica que atentou para os problemas de uso recreativo de tabaco, álcool e maconha com estudantes do ensino fundamental e médio. Tendo em vista essa constatação, já descrita por Coelho (2016), a equipe pedagógica se mobilizou a fim de instituir um projeto bimestral de prevenção contra o uso abusivo de drogas. O cerne dessa reunião foi que cada professor orientasse uma turma e estimulasse o pensamento crítico desses jovens frente ao tema drogas. Esse tipo de ação educativa corrobora com as premissas de Acselrad (2005, 2015), Coelho (2016) e Moffat *et al.* (2017), zelando por jovens mais autônomos e reflexivos.

Diante do contexto acima referido, o professor da disciplina de ciências físicas e biológicas incorporou as experiências de formar agentes multiplicadores de diálogos transdisciplinares (COELHO, 2016), para inovar e possibilitar uma abordagem mais inovadora sobre drogas com os alunos do ensino fundamental. Nessa linha, a construção da sala temática foi estruturada em 3 fases: (1) etapa de eleição da droga a ser explorada e divisão das equipes e atribuições discentes; (2) orientações teóricas e metodológicas com os representantes de cada grupo, o coordenador geral da turma e agentes

multiplicadores do projeto DESEJA¹; (3) ajustes e culminância do projeto com a montagem e visitação dos professores, funcionários e alunos da escola à sala temática.

A primeira etapa para elaboração do projeto foi constituída da eleição da droga a ser pesquisada, da divisão das equipes e suas lideranças e das orientações gerais para a captura de informações sobre a droga eleita. Tendo em vista as dificuldades na busca bibliográfica e pesquisas em sites confiáveis da internet, foi necessária uma orientação prévia com os líderes de cada grupo e com o coordenador discente da turma para que os estudantes aprendessem a manipular sites de busca e bases de dados como o *google* acadêmico (*Google Scholar*). Agentes multiplicadores que participaram de ações educativas no ano anterior auxiliaram nesse processo, dando ideias de sítios de pesquisa e sugestões de ações (decoração, organização, formas de interação com os visitantes etc.) que poderiam acontecer no interior da sala.

A turma 903 foi unânime em eleger a maconha como droga a ser alvo da sala temática visto que alguns já tinham experimentado ou conheciam amigos e familiares que faziam uso do produto. Os quatro alunos mais participativos nas aulas foram escolhidos líderes, com papel de gerência do espaço a ser construído. Um deles ficou como coordenador geral do projeto na turma e os outros três como líderes responsáveis pelos três blocos de temas a serem pesquisados e apresentados, quais sejam: (a) história da maconha, curiosidades sobre a planta e formas de uso e consumo; (b) efeitos a curto e longo prazo do uso recreativo e abusivo da *Cannabis*; (c) questões éticas, processos de legalização e descriminalização no Brasil e no mundo e uso terapêutico da planta.

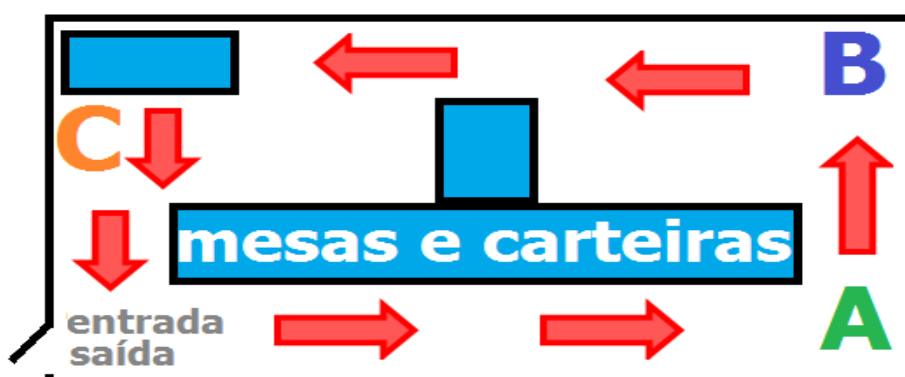
A segunda etapa foi marcada pelas orientações teóricas e metodológicas semanais. Elas aconteciam nos vinte minutos finais das aulas, às quartas-feiras. Os líderes e coordenador da sala temática se reuniam com o professor e, quando possível, com um ou mais agentes multiplicadores do projeto. O propósito desses encontros era conhecer o que os alunos pesquisavam e o que haviam aprendido sobre o tema, esclarecendo suas principais dúvidas.

Em alguns encontros a discussão foi centrada em um único bloco temático e os demais líderes se tornavam ouvintes. Entretanto, todos se manifestavam e traziam pontos interessantes sobre a *Cannabis*, que, por vezes, já haviam sido discutidos nas aulas vagas e num grupo de *whatsapp* gerenciado pelos estudantes. Mitos foram apresentados pelos alunos e a mediação do professor no esclarecimento do tema foi

¹ O Projeto DESEJA é uma ação preventivo-educativa de extensão, parceria entre o GIEESAA e escolas públicas a fim de preparar jovens multiplicadores da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para realizar debates inclusivos sobre drogas com alunos de outros turnos.

fundamental. Nessa ocasião, a fim de melhorar a prática de pesquisa exploratória dos estudantes, era intencionalmente demandado que eles retornassem com informações mais recentes nos encontros posteriores. A sugestão do professor foi que os resultados dos encontros de orientação fossem disseminados para os demais membros da turma, com plena autonomia para os líderes de equipe.

A última etapa, de ajustes e culminância aconteceu em dois momentos. No primeiro, na quarta-feira, dia 08 de novembro, os estudantes ponderaram a posição espacial de cada membro na sala e averiguaram se todas as estratégias de apresentação estavam coerentes para a recepção dos outros estudantes da escola. Nesse último encontro, a turma se revelou preparada acerca do assunto e ansiosos para a apresentação final. Chegada a culminância² do projeto, segunda, dia 13 de novembro, a turma foi dividida nos blocos já descritos, por meio de mesas e cadeiras forradas com folhas de jornal e cartolinas que compuseram uma espécie de muro. Assim, os visitantes de um bloco não conseguiam visualizar o que ocorria no outro. É como se eles passassem por um labirinto na forma de letra “T”. A sala foi compartimentalizada em três ambientes com seus respectivos temas (A, B e C), como ilustrado na figura 1:



- A** - História da maconha, curiosidades sobre a planta e formas de uso e consumo.
- B** - Efeitos a curto e longo prazo do uso recreativo e abusivo da *Cannabis*.
- C** - Processos de legalização e descriminalização no Brasil e no mundo e uso terapêutico da planta.

Figura 1: Organização da sala temática sobre *Cannabis*. Fonte: os autores.

Quando os visitantes entravam na sala (quatro por vez – dois professores/funcionários e dois alunos), eles passavam pelo bloco inicial sobre a história

² O termo “culminância” costuma ser utilizado nos projetos escolares para se referir ao momento onde os alunos oferecem uma mostra com os produtos/ações resultantes dos estudos e reflexões realizadas com base no assunto gerador.

da *Cannabis* e obtinham informações históricas e botânicas acerca da planta. Na sequência, seguiam para o bloco dos efeitos a curto e longo prazo - esclarecendo efeitos comuns como a larica, a boca seca, os olhos avermelhados, a taquicardia etc. Nesse segundo espaço, encontravam um ambiente para deixar suas experiências particulares ou de conhecidos em relação ao uso de *Cannabis*. O último bloco relacionava questões de ordem ética e legalidade. Nesse último cômodo, aos visitantes era fornecida uma breve distinção entre a legalização e a descriminalização da maconha, seus aspectos legais e terapêuticos e uma simulação onde os visitantes analisavam três personagens (dramatizados pelos próprios alunos) e imaginavam quais deles seriam usuários de *Cannabis*. A cada um dos visitantes era perguntado o *porquê* dessas respostas.

Sobre a simulação acima referida, cada personagem apresentava uma placa, em princípio oculta, dizendo se faziam uso e, caso sim, o motivo pela opção. Ao final do percurso na sala, os visitantes votavam a favor ou contra a legalização da maconha em nosso país. Essa proposta foi uma ideia exclusiva dos alunos, a fim de oferecer um momento de cidadania e escuta dos outros jovens e dos profissionais da escola. Cabe ressaltar que os alunos da turma 903 desenharam o croqui de organização da sala, argumentando a favor do sentido do percurso, como descrito na figura 1. Ao som do *Reggae* e uma iluminação bem particular, os jovens caracterizaram a sala de aula da como um espaço de visitação, informa o e democracia, permitindo que os visitantes conhecessem mais acerca do tema e deixassem suas impressões sobre o que sabiam sobre o assunto.

3. SOBRE A VISITAÇÃO DA SALA TEMÁTICA SOBRE *CANNABIS*

Nas primeiras semanas de orienta o, houve certa resistência por parte dos alunos. Eles não tinham no o de veracidade e credibilidade de fontes de pesquisa. Portanto, insistimos nessa prepara o. Da segunda para a terceira semana de orienta o, parcela dos estudantes se revelou mais crítica e capaz de distinguir a qualidade das fontes. Essa dimensão crítica e exploratória da pesquisa foi uma competência importante que julgamos ser fundamental para a constru o de saberes científicos e para a amplia o de um vocabulário mais extenso que sustentou a comunica o formal e escrita das apresenta es realizadas na sala temática.

Cabe relatar dois segmentos de resultados: (1) a performance dos alunos ao longo das semanas de orienta o e o empenho dos grupos durante o processo; (2) o dia

da culminância do projeto - a observação direta dos visitantes e professores em relação à sala temática, seus conteúdos e estratégias adotadas para abordar o tema *Cannabis*.

No decorrer das últimas semanas, sobretudo os líderes destacaram o ganho na aprendizagem que tiveram com o estudo do tema. Uma aluna em especial, com histórico de baixo desempenho acadêmico, se interessou bastante pelo assunto. A cada semana ela trazia novas contribuições (vídeos e reportagens), muitas desconhecidas pelo professor. Passou, com isso, a dominar alguns conceitos científicos da biologia e ciências sociais, nutrindo os fóruns do grupo de *whatsapp* com acervos diversos.

Foram notados melhoramentos na forma de descrever suas pesquisas (relatos discentes), com aparente aumento da capacidade de síntese e argumentação. Isso nos revelou a importância das pesquisas escolares não serem apenas “entregues” ao professor, mas debatidas entre os estudantes. É importante que o docente, como orientador dos jovens, ofereça um *feedback* sobre as tarefas exigidas. Assim, os adolescentes podem se posicionar em relação ao que investigaram e depuraram do estudo, configurando um trabalho de ordem colaborativa. Caso contrário a tarefa pode se converter em algo meramente mecânico que não motiva o aluno para a construção e elaboração de novas ideias (estímulo ao trabalho criativo) em equipe. No caso em questão, a busca do conhecimento na literatura servia de subsídio para os estudantes apurarem ideias sobre como elaborar a sala temática e como selecionar as informações científicas relevantes para apresentar ao público. Logo, a construção da sala temática, em nosso entendimento, se assumiu como motivação prática para o domínio do assunto.

Quanto à observação direta da sala temática e a interação dos alunos com os visitantes, notou-se inicialmente a insegurança de alguns alunos pela timidez em receber e dialogar acerca de um tema pouco conhecido para eles. Contudo, ao longo da terceira apresentação, os alunos da turma foram unânimes em afirmar que se sentiam mais livres e confortáveis para conversar com os professores, funcionários e demais alunos da escola. Segundo os estudantes da turma 903, na reunião de *feedback* realizada na semana posterior à culminância, o que lhes chamou mais a atenção foi que os próprios professores têm ideias equivocadas sobre a maconha e outras drogas e se mantêm receosos para falar sobre o tema, quando questionados. Isso também foi constatado por Adade e Monteiro (2014). Segundo eles, os colegas da mesma série ou séries anteriores, revelaram menos receios e medos para fazerem perguntas e foram mais participativos, o que revela que o tema maconha e outras drogas não os assusta.

Os líderes, durante o *feedback* da culminância, reconheceram que abordar um assunto como a maconha de forma divertida, colorida - a sala estava bem decorada e com som de *Reggae* - esclarecedora e desmistificada, dando às pessoas oportunidade de discutir o tema sem assustá-las (MOFFAT et al., 2017). Isso faz com que elas perguntem mais e se sintam mais seguras para falarem o que pensam sem o medo de serem discriminadas.

Em relação à expressão do voto sobre legalização da *Cannabis*, a maioria dos visitantes preencheu a cédula e a depositou na caixa de votação, posteriormente sendo orientados à finalizar o percurso pela sala. Cerca de 70% dos votos - dentre votos discentes, de funcionários e docentes - eram favoráveis à liberação da maconha no país. Isso, em princípio, não indica o entendimento dos fundamentos políticos da legalização, mas mostra que houve certo interesse em se manifestar sobre o assunto. Sinaliza, contudo, o desejo participativo dos jovens de se sentirem incluídos na discussão, de opinar e, portanto, de fazer parte de um momento democrático, típico de cidadãos conscientes. E a escola... pode ser a precursora em movimentos que promovam espaços de discussão e ofereçam voz aos alunos não apenas para esclarecimentos científicos, bem como estimulem práticas reais de democracia e cidadania.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes pesquisas têm mostrado que a circulação de drogas entre os adolescentes não é um evento recente. Acontece dentro e fora das escolas e até mesmo em suas casas. O consumo da *Cannabis* é apenas um exemplo dessa amplitude ilícita. Isso é um fato. A grande questão é como intervir educacionalmente a fim de tornar os adolescentes sujeitos críticos e que se apropriem de seus sentidos críticos para tomarem decisões sadias e que minimizem danos em suas vidas.

Nessa linha de pensamento, prezar pelo abolicionismo ou proibição das drogas não tem sido o caminho mais eficaz. Do contrário, dialogar com os jovens a partir de uma perspectiva sensibilizadora e que parta de suas experiências cotidianas e aspirações para a vida parece ser uma estratégia mais viável a fim de orientar jovens capazes de buscar escolhas mais sadias.

Nessa direção, acreditamos que os projetos educativos sejam uma opção educativa de prevenção contra o uso abusivo de psicoativos e, ao mesmo tempo, uma estratégia que discuta as drogas com os jovens partindo da perspectiva dos sujeitos e não generalizando com imprecisões as drogas, como se todas elas fossem iguais e

tivesse os mesmos efeitos sobre os seres humanos. Pensar, por exemplo, que um usuário recreativo de maconha ou cigarro seja um ser humano inferior é um pensamento equivocado, intolerante e amplamente preconceituoso.

Não se deve pensar na construção de futuros cidadãos enriquecidos de mitos e aumentar os estigmas sociais do usuário de maconha como vagabundo, ladrão e sem objetivos na vida. Se buscamos construir jovens inteligentes, críticos e humanos, devemos prezar por uma abordagem sobre drogas mais aberta, mais dialógica e que estimule o aluno a se colocar no lugar do outro, a fim de que ele compreenda cada vez mais a realidade social onde vive. Por isso investimos na exploração bibliográfica, na leitura e nos debates grupais acerca do tema, com o intuito de desenvolver competências orais e escritas e, principalmente, estimuladoras/emancipatórias para saber refletir e decidir de forma coerente com práticas de vida saudáveis. O retorno (*feedback*) foi um grande aliado para o sucesso da proposta para que eles identificassem pontos de falha e melhorias ao final do projeto. Dito de outra forma, é pertinente um ensino autônomo e de respeito à diversidade, sendo, inerentemente, inclusivo de ações e práticas que promovam uma Educação sobre drogas partindo do contexto dos próprios alunos.

Nessa perspectiva, a atividade realizada com estudantes do nono ano de uma escola estadual de São Gonçalo sobre o tema maconha, se mostrou bastante enriquecedora para os estudantes e toda a comunidade da escola, sendo uma estratégia que pode ser usada de forma ampla, envolvendo outros temas, e continuada ao longo da vida escolar.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores e demais membros da equipe pedagógica do Colégio Estadual Professora Antonieta Palmeira, em especial à Articuladora pedagógica Márcia Barreto e aos Diretores Leonardo Coimbra e Cíntia Silva Barbosa, que nos ofereceram estímulo à publicação deste artigo. Aos alunos da Educação de Jovens e Adultos do ensino noturno - multiplicadores do Projeto DESEJA – e ao Grupo Interdisciplinar em Eletroquímica, Educação, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA/IQ/UFRJ), pela parceria e dedicação.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, G. A educação para autonomia: construindo um discurso democrático sobre as drogas. In: ACSELRAD, G. (Org.). **Avessos do prazer: drogas, Aids e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.

ACSELRAD, G. **Quem tem medo de falar sobre drogas? Falar mais para se proteger**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2015. p.164.

ADADE, M.; MONTEIRO, S. Educação sobre drogas: uma proposta orientada pela redução de danos. **Educação e Pesquisa**, v. 40, n. 1, p. 215-230, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**: Saúde. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

CARNEIRO, H. As necessidades humanas e o proibicionismo do século XX. **Revista Outubro**, n.6, p. 115-128, 2002.

COELHO, F. J. F. Projeto E3 - Encontro de Experiências com a EJA: formando multiplicadores para debates inclusivos sobre drogas na escola. **Revista Educação Pública**, v. 16, ed. 21, 2016.

COELHO, F. J. F.; MARTINHON-TAMIASSO, P.; SOUSA, C. Entre o Dialógico e o Emocional nas Abordagens Educativas Sobre o Uso do Álcool e Outras Drogas. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), IV., João Pessoa, 2017, Paraíba. Anais... João Pessoa: Editora Realize, v.1, 2017, ISSN 2358-8829. Disponível em:<http://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV073_MD1_SA18_ID2198_05102017223604.pdf>. Acesso em 09 de fevereiro de 2018.

SODELLI, M. A abordagem de redução de danos libertadora da prevenção: ações redutoras de vulnerabilidade. In: SILVA, E. A; DE MICHELI, D. (Orgs.). **Adolescência, uso e abuso de drogas: uma visão integrativa**. São Paulo: FAP/Unifesp, 2011. p. 599-616.